

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

Adriane Schrage Wächter- Mestranda em História, Teoria e Crítica de Arte-
UFRGS. Orientador : José Augusto Costa Avancini

Resumo: Este artigo apresenta pesquisas sobre a percepção da paisagem, na qual foram investigados além da minha percepção, a de Anne Cauquelin, Nelson Brissac Peixoto, Italo Calvino, os artistas viajantes, Petrarca e as pessoas que viajavam por prazer no século XVIII através de indícios que julguem conterem apontamentos acerca de suas percepções acerca da paisagem.

Palavras-chave: Percepção. Paisagem. Arte.

Analisando a paisagem que avistava todos os dias pela janela de minha casa, pude perceber que ela pode possuir elementos distintos em sua formação, dependendo a região em que se encontra. Portanto, está é uma breve descrição da “minha” paisagem. Ela possui vegetação verdejante, com um vasto campo onde pastam vacas e os pássaros sobrevoam o céu em busca de abrigo nas árvores. Atrás da cerca que delimita este campo e a casa onde moro, a fauna se multiplica perante uma porção de floresta preservada, onde dois açudes ajudam na preservação e continuidade da vida de seres terrestres e aquáticos como peixes. As árvores são frondosas e de altas copas, que em determinadas estações do ano florescem e dão frutos. Ao longe de toda esta cena agradável aos olhos, destoa o pôr-do-sol no horizonte, muitas vezes rosa claro e com indícios de azul, outras vezes vermelho e reluzente. Conforme as estações do ano, a paisagem se transforma, onde no verão seco se vêem distantes plantações de milho e de soja, que através do matiz marrom claro das folhas secas, mostra-se um horizonte de pinheiros ao fundo. A paisagem vai se configurando e criando características próprias que ganham mais destaque com a incidência de raios solares, da chuva, da geada e de meus olhos.

Neste sentido, a paisagem que admiro possui mais caráter rural e por isso quando fui morar em Porto Alegre e Pelotas, observei muitos elementos diferentes, tais como a justaposição de prédios, a linha que se forma com a junção destes prédios lado a lado, que se torna, muitas vezes, a linha de horizonte na cidade, a velocidade da vida citadina, a relação de habitante por metro quadrado, já que no ambiente rural os vizinhos, às vezes estão muito distantes um do outro, e, principalmente a ausência de natureza em abundância.

A paisagem rural tem para mim algo de misterioso, solitário, intocado, pois, mesmo com a interferência da mão humana, ela conserva algo próprio dela; não sei se poderia nomear isto de beleza, ou imensidão que ela abarca, indício que possa me causar deslumbramento. Percebo o céu mais colorido, com maior visibilidade, mesmo a noite quando as estrelas invadem o céu e que quanto mais frios os dias, mais as percebemos, que já na paisagem urbana não se nota tanto pela poluição advinda dos carros, e a interferência dos prédios e a luz artificial da iluminação pública.

Sobre esta diferença entre estas duas paisagens, Anne Cauquelin relata que, a paisagem do campo é diferente da paisagem urbana:

O campo oferece tudo o que a cidade subtrai - a calma, a abundância, o frescor e, bem supremo, o ócio para meditar, longe dos falsos valores. Como um duplo invertido, o campo oferece o negativo da cidade, que, não obstante, toma dele emprestados alguns traços sem os quais não poderia passar: o que seriam, pois, as colunas de mármore que adornam as casas senão a imagem das florestas? E por que querer ter a visão do campo longínquo senão por ser lá que se situa a verdade? (CAUQUELIN, 2007, p. 62).

Nelson Brissac Peixoto também comenta sobre a sua percepção acerca da paisagem urbana:

Campo de intersecção de pintura e fotografia, cinema e vídeo. Entre todas essas imagens e a arquitetura. Horizonte saturado

de inscrições, depósito em que se acumulam vestígios arqueológicos, antigos, monumentos, traços da memória e o imaginário criado pela arte contemporânea. Esse cruzamento entre diferentes espaços e tempos, entre diversos suportes e tipos de imagem, é que constitui a paisagem das cidades. (PEIXOTO, 1996, p. 10).

Desta forma, Peixoto relata que a paisagem urbana contém vários elementos que se sobrepõem, como os diversos tipos de muros de prédios e casas, alguns grafitados e pichados, ou com manchas de umidade, casas em ruínas, asfalto e cimento que rodeia as ruas por onde passam os carros e também as pessoas, janelas abertas e fechadas, outdoors, placas de sinalização. Ela abarca tanto linguagens distintas, como pintura, fotografia, cinema, arquitetura, quanto à memória de monumentos em espaços e tempos específicos, pois lida com várias possibilidades de formulação de imagens.

No livro, *As cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, a paisagem urbana é descrita pelo viajante Marco Polo e relatada a Kublai Khan. A descrição destas paisagens é feita de maneira a trazer elementos que para muitas pessoas talvez não tivesse importância, como a forma de uma casa, ou os costumes de um povo que formam essa cidade. A partir disso, é possível imaginar estas cidades que talvez não existam realmente, mas que certamente encantam pela possibilidade de idealizar uma cidade que sabemos que não existe. Este não-visível é trazido justamente pelo fato do autor oferecer elementos que possibilitem esta imaginação. E por meio destas viagens, ele dizia que descobria mais sobre si mesmo do que sobre a cidade. Como Marco Polo mesmo diz a Kublai Khan, “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá a nossas perguntas”.

Seguindo com a linha da percepção da paisagem, abordarei outras formas de vê-la como a do artista viajante, a experiência de Petrarca e a pintura de paisagem.

Iniciei este artigo mostrando como a minha percepção perante a paisagem é formada por uma reunião de aspectos aos quais aprendi fazerem parte deste lugar e, talvez por conviver com ela há muito tempo, o que vejo

seguidamente faz parte de minha identificação com a paisagem mais do que com qualquer outra.

Desta forma, a escolha deste assunto deu-se de forma muito mais subjetiva do que de outras maneiras. E não só trato a paisagem como gênero artístico, mas também dou enfoque à pintura de paisagem. Conforme Anne Cauquelin, o que passamos a chamar de paisagem se refere muitas vezes, a lembranças de infância, contos relatados por nossos familiares, juntamente com tudo o que guardamos na memória, algo que nos interesse. Para a autora, a paisagem foi sendo formada por uma história relatada pela mãe quando ela era pequena.

A percepção da paisagem que temos hoje depende de muitos elementos que “juntamos” ao longo da vida. E, como a percepção muda para cada indivíduo, muitas construções de paisagem podem ser possíveis, seja a partir de imagens, sons, leituras, entre outras. Ela não é constituída somente por nossas memórias, mas também por estratos de terra. Simon Schama, no livro Paisagem e Memória escreve sobre a constituição da paisagem enquanto formas de percepção humana e também de lembranças ...

Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade eles são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camada de lembranças quanto de estratos de rochas. (SCHAMA, 1996, p. 17).

E a paisagem pode ser analisada também a partir de outros pontos de vista de sua constituição, como fizeram alguns artistas viajantes que vieram ao Brasil com a Missão Artística Francesa em 1816. A paisagem foi percebida e analisada por diversas pessoas ao longo do tempo, e muitos deles deixaram registros do que viram, como os artistas-viajantes que vieram ao Brasil no século XIX. Estes artistas documentaram grande parte da natureza brasileira que era desconhecida até então. O modo de perceber esta natureza exótica foi muito particular, ou seja, continha o gosto europeu artístico que foi transportado

para este país. Pela geografia diferenciada que o Brasil possui, principalmente o Rio de Janeiro, alguns artistas ficaram fascinados pela vegetação, e exuberância das plantas, flores e animais desta região, ou mesmo pelos seres humanos, ou seja, de cenas pitorescas.

O pitoresco parece iniciar-se no século XVII, quando os italianos lhe atribuem o mais conhecido significado: “o que é próprio da pintura ou dos pintores”, “o que se presta á representação pictórica”. Em breves palavras, a matéria mesmo da pintura. No século seguinte, o termo assume a qualidade de um valor estético, sentido para o qual muito contribuíram as reflexões inglesas sobre a natureza e a pintura de paisagem, bem como as obras que procuraram teorizar esse movimento.

Outro estudioso das plantas e admirador das paisagens e porque não dizer “artista-viajante” cabe mencionar aqui. Humboldt foi um biólogo que catalogou muitas plantas ao longo do Brasil e, além disso possuía uma percepção ímpar para a paisagem. Ele achava que já na maneira de descrever as plantas encontradas, o discurso deveria ser em primeira pessoa, pois antes de tudo, experimentamos a paisagem para poder percebê-la. E, muito antes de Humboldt ter “experimentado” esta paisagem, Petrarca foi um grande observador da paisagem.

No livro, Ver a Terra, de Jean-Marc Besse, no capítulo que cita Petrarca em relação a sua experiência com a paisagem é de suma importância. Na carta que Petrarca escreveu, destaca o quanto a paisagem e mais propriamente o espaço dão margem a uma reflexão dele mesmo:

A intenção inicial de Petrarca é uma razão perversa, e é isto que o escalador percebe, mas muito tarde. A brutal tomada de consciência que encerra a subida do monte Ventoux é, então, bem mais que um incidente de percurso. A experiência do cume da montanha é, bem precisamente, uma decepção, e esta decepção conduz a um exame de consciência. É, de fato, no interior de um espaço, que é o do exame de consciência, que a experiência da paisagem de Petrarca deve ser vista. Certamente a ascensão assinalou a Petrarca o esforço espiritual que ele devia realizar, e a experiência do cume o fez acreditar por um instante na possibilidade de uma reapropriação do seu próprio eu. (BESSE, 2006, p.8.).

Assim como Petrarca na subida ao Monte Ventoux relata que ao observar a paisagem, pensamos sobre nós mesmos, o nosso interior, Humboldt e Goethe também compartilhavam desta idéia. Mesmo possuindo percepções diferentes da paisagem e dando ênfase a partes diferentes da natureza, o sentimento de pequenez do homem perante a natureza sempre persiste, sentimento experimentado por estes estudiosos da natureza.

Além de abarcar aspectos geográficos e territoriais, a paisagem passa de objeto de observação particular para além dos horizontes, amplia o espaço e permite que muitas pessoas tenham o gosto e o prazer de observá-la. Em seu texto *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor a cultura*, Valéria Salgueiro relata que o *grand tourist*, o viajante que partia para longas viagens em busca da contemplação de paisagens com seu olhar atento as vistas panorâmicas repleto de valores estéticos sublimes. A viagem por prazer iniciou já no final do século XVII, mas foi só no século XVIII que a prática tornou-se essencial na vida dos ingleses de posse, prosseguindo por todo o século. Os principais locais visitados eram Paris, Roma, Veneza, Florença e Nápoles. Muitos viajantes iam adquirir objetos de arte antigos para suas coleções. O hábito de registrar as paisagens por meio da pintura ou desenho pelos viajantes era a única forma de adquirir um registro do local visitado, destacada neste trecho..

A arte era parte essencial da viagem aristocrática, que o viajante cultivava tanto contemplando quanto produzindo. Muitos dos viajantes em *Grand Tour* eram também artistas amadores, sendo essa a única forma de se possuir registros visuais numa época ainda tão distante da prática câmera fotográfica portátil que temos hoje (...) ampliou-se bastante o hábito de esboçar e pintar pelo próprio viajante, já que essa era a única forma de levar para casa retratos dos lugares visitados. (SALGUEIRO, 2002, p. 304).

A prática de observar paisagens foi-se tornando comum conforme as pessoas tiveram condições econômicas de viajar e conhecer o mundo, antes

conhecido apenas por gravuras ou mais recentemente por fotografias. No livro, *Sobre fotografia*, Susan Sontag relata que com o advento da máquina portátil, seu uso era indispensável quando se ia viajar, principalmente por prazer. A fotografia substituiu a maneira tradicional de representar os locais visitados, que antes eram feitos a bico de pena, pincel, lápis ou aquarela. Este foi o período em que cada parte do mundo pode ser conhecida através de fotografias e, o hábito de capturar imagens de paisagens contendo pôr-do-sol era trivial, havendo um costume das pessoas em geral de fotografar os locais visitados para atestar veracidade a viagem, ou seja, a comprovação de que o indivíduo esteve neste local. As fotos de pôr-do-sol eram largamente utilizadas, constituindo um acervo de imagens. O tipo de experiência perante a paisagem que esta parcela da população tinha certamente os propiciou a aumentar sua percepção dos diferentes lugares por onde passavam.

A percepção humana perante a paisagem muda conforme vários fatores estabelecidos pela sociedade de época, transformações no meio artístico, seja de gosto, técnico ou conceitual e percebe-se que na contemporaneidade ela pode englobar mais fatores, como o ambiental, audiovisual culminando nas diferentes maneiras de representá-la.

Ao caminhar pela paisagem se tem uma visão dela, pintando-a, outra e fotografando-a, tem-se uma diferente. E além disso, a forma de perceber entre os indivíduos não é a mesma.

No mundo contemporâneo, carregado de imagens por todos os lados, o hábito de se observar paisagens fica restrito a olhá-la de uma janela de ônibus, ou carro, ou mesmo através de fotos em revistas, mas experienciá-la parece cada vez mais privilégio de poucos. A paisagem pode também ser vista em jogos de vídeo game e meios audiovisuais, como a televisão, onde mais pessoas tem contato com ela.

Referências

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BULHÕES, Maria Amélia e KERN, Maria Lúcia Bastos. *Paisagem: desdobramentos e perspectivas contemporâneas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

Catálogo *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Odebrecht, 1994.

CAUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MADERUELO, Javier. *El paisaje. Génesis de um concepto*. Madrid: Abada Editores, 2005.

NOVAES, Adauto. *O Olhar...* [et al.]. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Editora Marca D' Água, 1996.

Salgueiro, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>>. Acesso em: 08/09/2011, às 07: 20.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHARF, Aaron. *Arte y fotografía*. Madrid: Alianza Editorial, S.A, 1994.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

